



Dossiê Temático

Expressões e representações do “feminino” no discurso midiático, na literatura e no cinema

Kathrin Saringen¹
Érica Wels²

O presente dossiê da Revista RILA -- Revista Indisciplina em Linguística Aplicada -- reúne artigos acerca de representações do gênero “feminino” em obras literárias, teóricas, filmes e canções, tendo como guia metodológico o olhar interdisciplinar e indisciplinado da Linguística Aplicada contemporânea (MOITA LOPES, 2006). Nosso objetivo foi apresentar um leque de pesquisas problematizadoras guiadas pela linguagem, em epistemologias e teorizações críticas e alinhadas com novas formas de se pensar um gênero “feminino”, cada vez menos determinado e previsível, e cada vez mais em (re)construção.

No artigo “Maternidade como performatividade. Ser ou tornar-se mãe?”, Michela Rosa di Candia (UFRJ) explora “As alegrias da maternidade”, muito distantes de quaisquer projetos de felicidade pessoal, expressão que justamente intitulada o romance da nigeriana Buchi Emecheta, publicado em 1979 e traduzido para a língua portuguesa em 2020. A maternidade, atrelada ao destino das mulheres da comunidade Igbo, dita o valor da protagonista Nnu Ego como moeda-esposa fértil. Mergulhadas no mesmo cenário cultural opressor, que estabelece firmemente a hierarquia entre homens e mulheres, Ona e sua filha Nnu Ego concebem a maternidade de distintos modos. Entendendo a maternidade como um discurso performativo que delinea uma identidade, a pesquisadora parte das contribuições de Butler (1990, 1993), Hall (1990), Collins (1990), entre outras, estabelecendo a dicotomia ser (being) e/ou tornar-se (becoming) mãe.

Bruna Coutinho Sant’ Anna (PIPGLA/UFRJ) aborda a maternidade sob outros contextos, porém tendo em comum com o artigo de Michela Rosa di

¹ Universidade de Viena – UNIVIE. ORCID 0009-0006-2175-0961. Email:kathrin.saringen@univie.ac.at

² Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ . ORCID 0000-0001-8121-6900. Email: ericawels@letras.ufrj.br

Candia o olhar crítico indisciplinar. Em “Maternidades: discursos, mudanças e permanências em obras de Júlia Lopes de Almeida e Tati Bernardi”, a professora traça uma análise contrastiva entre as obras, as escritoras e os contextos sócio-históricos nos quais atuam/aturaram. Os discursos selecionados por Bruna permitem-se questionar a maternidade, em meio às forças hegemônicas que excluem e invisibilizam muitas mães. A perspectiva da Linguística Aplicada abre espaços de escuta e ação para as “Vozes do Sul” (Moita Lopes, 2006), sujeitos situados às margens da sociedade. Os discursos literários de Júlia Lopes e Tati Bernardi, de diferentes maneiras, desconstróem visões romantizadas acerca das vivências maternas.

Em “Barbie (2023) e o feminismo neoliberal na cultura pop: o discurso de liberdade e empoderamento que perpetua a opressão”, Jessica da Silva Gregory (PIPGLA/UFRJ) aborda a relação entre o feminismo da segunda onda e o liberalismo econômico ascendente, tomando como centro de sua análise o filme dirigido por Greta Gerwig. A hipótese principal da pesquisadora é apontar como o discurso do feminismo foi absorvido por essa vertente capitalista, apropriando-se de políticas de identidades, em detrimento da busca por mudanças sociais estruturais, oriundas do movimento de libertação das mulheres. Defende-se, assim, que tecnologias sociais e produtos vendáveis, como muitos filmes atuais da indústria norte-americana, alimentam a relação estrutural entre patriarcado e capitalismo, ao passo que mantêm e disseminam discursos com o propósito de manter a opressão contra as mulheres e as disparidades sociais.

Vítor Silveira (PIPGLA/UFRJ), no artigo “Intersecções de raça, gênero e classe em ‘Excluídos’: uma análise narrativa multimodal”, detém-se igualmente numa obra cinematográfica: a cena introdutória do filme *Excluídos* (2023), do diretor e roteirista britânico Nathaniel Martello-White. A proposta do artigo é dissertar sobre a construção interseccional da protagonista, Cheryl, uma mulher negra trabalhadora, e como suas identidades emergem por meio do diálogo presente na cena, tendo como ferramentas a abordagem interdisciplinar da Linguística Aplicada contemporânea, os pressupostos da análise da narrativa e da teoria da interseccionalidade. Os dilemas das mulheres negras retratadas na narrativa fílmica denunciam os impactos da matriz de dominação sobre indivíduos marcados por múltiplas opressões e enfatizam a importância das narrativas na formação e transformação das identidades sociais.

Já Maria Alexandra Azevedo Paiva Santos (PIPGLA/UFRJ), em “Precariedade e psicopolítica como dispositivos de controle: uma análise do domínio coercitivo das normas sobre os corpos generificados”, tece uma refinada rede entre a noção de precariedade, de Judith Butler e a psicopolítica, de Byung-Chul Han. Os fios norteadores das considerações da pesquisadora são as obras “Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia” (BUTLER, 2018) e “Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder” (HAN, 2014), além dos conceitos Foucaultianos de biopoder e biopolítica (1978–1979), performatividade e subjetividades

(BUTLER, 1990, 2004, 2018), sociedades de controle (BAUMAN & LYON, 2013; DELEUZE [1972-1990] 1992) e interseccionalidade (CRENSHAW, 1989). Como objetivo principal, o artigo retrata os dispositivos que controlam a vida e a mente dos sujeitos, especialmente dos corpos generificados, moldando a racionalidade neoliberal contemporânea. Contudo, também serão consideradas saídas capazes de produzir inteligibilidades que vislumbram um futuro no qual possam ser celebrados novos modos de existência.

Corpos invisibilizados e silenciados também protagonizam a contribuição de Cleydia Regina Esteves (PIPGLA/UFRJ) ao Dossiê. Em seu artigo, a pesquisadora investiga “O Movimento afro-alemão e o protagonismo das mulheres negras contra sua Invisibilidade na Alemanha”, cujo marco é o encontro da “Artevista” Audre Lorde com mulheres negras alemãs e oriundas da diáspora africana naquele país. Lorde deixou um rico legado de construção de um movimento de resistência pela igualdade racial e de gênero, contribuiu para o fomento ao pensamento crítico dentro da Academia e inspirou consistentes intervenções artísticas. Tais obras corporificam-se em textos, sons, atos, artefatos conjugados em trabalhos que transpassam fronteiras criativas, linguagens, campos semânticos e estéticos e reivindicam a amálgama entre episteme e ontologia oriundas da transculturalidade. Esses atos performativos permitem um “apagamento de fronteiras” entre os campos artísticos e entre arte, política e tecnologia, implodem as designações do que é arte, do que é ser artista e ativista política.

Por fim, o artigo “The representation of femininity in Lana Del Rey’s songs” (“A representação da feminilidade nas músicas de Lana Del Rey”), de Matheus Gomes Alves (PPGLIN/UFRJ), bebe nas fontes da indisciplina linguística, analisando as composições da cantora norte-americana Lana Del Rey. Com o objetivo de mapear representações femininas no universo da artista, a ferramenta utilizada é a análise do discurso. Os *corpora* escolhidos são as seguintes canções: *Ultraviolence*, *Ride*, *This is what makes us girls*, *Cola* e *Off to the races*. Por ser uma personalidade conhecida da música pop globalizada e possuir mulheres entre a maioria de suas fãs, Lana Del Rey veicula, em seus discursos, sentimentos de representação e identidade. Para o pesquisador, as canções apresentam um discurso ambíguo, que ora parece dar poder às mulheres e à sua identidade numa sociedade machista e, ao mesmo tempo, parece retratá-las como seres frágeis e passivos.

À luz das contribuições aqui reunidas, entendemos que o gênero “feminino”, longe de encarnar qualquer categoria essencial, configura-se em corpos performativos, discursivos, processuais, em aberto, atravessados por canais de opressão diversos. Também salta aos olhos, pelas hipóteses defendidas nos artigos que compõem este número temático, o o peso do patriarcado hegemônico e do cerceamento e controle históricos da sexualidade



feminina. Mesmo na atualidade, a Indústria Cultural e seus produtos ficam no imaginário coletivo uma visão alinhada às velhas dicotomias e de mãos dadas com a primazia de uma feminilidade dócil, maternal e reprodutora; às vezes tais obras reproduzem “Tecnologias de Gênero” (LAURETIS, 2019 [1989]) ambíguas ou às margens da matriz hegemônica.

Boa leitura!